

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

Yvette Centeno¹,

Universidade Nova de Lisboa

Talvez devamos começar, como aconteceu ao longo de muitos anos, pelos Evangelhos. Escolhi, neste caso, os testemunhos referentes a José de Arimateia em S. Marcos, (15-42): “José de Arimateia, membro notável do Conselho que esperava, também ele, o Reino de Deus, foi corajosamente ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos admirou-se que ele já estivesse morto e, mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se já estaria morto. Informado pelo centurião concedeu o corpo a José. Este, tendo comprado um sudário, retirou Jesus da cruz, embrulhou-o no sudário e colocou-o num túmulo que fora escavado na rocha; depois fez rolar uma pedra na entrada do túmulo. Ora Maria de Magdala e Maria, mãe de Joset, viram onde ele foi colocado”.

Vários elementos contribuem aqui para a dignificação simbólica posterior: o túmulo escavado na rocha figura o Vaso que contém e conserva, protegendo o corpo nele depositado até ao momento da Ressurreição. Será o embrião do futuro Vaso maravilhoso do Graal. Por outro lado a pedra que tapa o túmulo também irá adquirir um poder especial, a ponto de, por vezes, em certos textos medievais se chamar Pedra ao Graal, em vez de vaso. O túmulo, como um vaso, é na realidade um contentor, e o corpo que contém será Corpo de Deus, um corpo *transfigurado*.

¹ Professora Catedrática de Literatura Alemã e Comparada da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Directora do Gabinete de Estudos de Simbologia e do núcleo de estudos "Teatro e Sociedade". Anteriormente foi directora do I Festival Internacional de Teatro (1991) e do Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian. Desempenhou cargos como consultora e comissária na Comissão de Qualidade do Cinema; Comissão Executiva da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura; Comissão para as Comemorações do Cinquentenário da morte de Fernando Pessoa (em Londres); Grupo de peritos da Comissão das Comunidades Europeias para a tradução de obras literárias contemporâneas; Conselho Cultural da Fundação Culturgest. Traduziu obras de, entre outros, Stendhal, Goethe, Shakespeare, Brecht, Celan e René Char. É Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques por decreto do Primeiro Ministro Francês (1997) e foi condecorada com a Verdienstkreuz 1. Klasse, atribuída pelo Presidente da República Federal da Alemanha (1994). Recebeu vários prémios, tais como o Prémio Jacinto do Prado Coelho, (Associação dos Críticos Literários), 1984 (Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação) e o Prémio de Poesia da revista *Mulheres*, 1984 (Perto da Terra). Tem vasta obra publicada nas áreas do teatro, ficção, literatura infantil, poesia e ensaio, destacando-se *Literatura e Alquimia* (1987), *O Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa* (1990); *A Oriente* (1998), *Fernando Pessoa, Magia e Fantasia* (2003). É autora dos conceituados *Blogs* "Literatura e Arte" e "Simbologia e Alquimia".

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

Na simbólica alquímica, de que falaremos adiante, será matéria sublimada: pois o Verbo se fez carne, o Espírito se fez matéria (que os filósofos chamam *materia prima*).

Anteriormente a este passo, da referência a José de Arimateia, há dois outros extremamente importantes para conduzir a nossa reflexão. O primeiro é: Marcos, 12-29, com a pergunta do escriba sobre o primeiro de todos os mandamentos.

“Jesus respondeu: *Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, e tu amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito e toda a tua força.*

Eis o Segundo: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Não há mandamento maior do que estes.”

A responsabilidade e a sua ampla dimensão filosófica recairão sobre o segundo, de amar o próximo como a si mesmo. Pois como Robert Musil se interroga, no *Homem sem Qualidades*, obriga a que o homem se conheça a si mesmo para poder amar o outro como a si mesmo.

(Ora veremos, no caso de Parzival, como o herói nem o nome nem a sua linhagem conhecia, e ainda menos como reagir perante *o outro* que era, naquele caso, Amfortas, rei do Graal).

Finalmente, e para deixar mais um dos sinais que encontramos nos Evangelhos como fonte primeira, Marcos, 14-22, a Ceia com os doze escolhidos e a instituição da Eucaristia:

“ E enquanto comiam ele pegou num pedaço de pão e, depois de ter pronunciado a bênção, partiu-o, e deu-o dizendo: ‘tomai, este é o meu corpo’. Em seguida, pegando numa taça, deu graças e deu a beber a todos, e disse-lhes: ‘Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que será derramado por uma multidão’.”

Podemos abordar a chamada lenda do Graal como sendo um mito fundador, de dimensão simbólica universal, pois que assenta em elementos que marcam uma *transição* cultural, filosófica, religiosa, que perdura até hoje, depois de um percurso literário que dominou a Idade Média europeia com as obras mais conhecidas que são a de Chrétien de Troyes e a de Wolfram von Eschenbach, passando por toda a gesta do ciclo cavaleiresco das lendas do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda.

Não é por acaso que, no século XIX, Richard Wagner retomará, na sua ópera *Parsifal*, os mesmos grandes temas (acrescentando no fim a *conversão* da feiticeira Kundry, que morre aos pés do herói e se constitui como um novo motivo da simbólica conhecida, o do arrependimento que salva).

Nas narrativas de Chrétien de Troyes e de Wolfram von Eschenbach é extremamente importante e muito detalhada, por essa razão, a descrição da cerimónia ritual de distribuição do alimento que concede a vida:

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

No capítulo V, “Perceval au Chateau du Graal”, o jovem é recebido com todas as honras e distinções devidas a alguém de nobre linhagem, é-lhe entregue uma espada que lhe estava destinada e que ele dá a um criado para guardar, enquanto se senta à lareira, junto do leito do senhor que o recebe.

Começa então o imponente cortejo: surge de um aposento um servente erguendo uma lança branca e refulgente. Todos a contemplam. Uma gota de sangue escorre da lança para a mão do criado que a segura. O jovem contém-se para não perguntar o que aquilo significa, obedecendo às instruções que o seu mestre lhe dera quanto às normas da cavalaria. Permanece calado.

O cortejo prossegue, com uma série de servidores que vão aos pares e transportam lustres de ouro, velas, e por fim um graal (um vaso) levado por uma bela jovem ornamentada com dignidade e nobreza. Quando entrou com o graal espalhou-se pela sala uma grande claridade, como a do sol; a seguir a esta jovem entrou uma segunda, com uma travessa de prata; o graal era do ouro mais puro, com pedras preciosas encastradas, das mais variadas que se conheciam na terra ou no mar. Tal como diante do leito tinha passado a lança, assim passou o graal. O jovem vê o graal mas também não ousa perguntar a quem esse vaso está a servir, cumprindo as lições do mestre. O senhor e os seus servos lavam as mãos e é trazida uma mesa de marfim, feita de uma só peça, que colocam diante do senhor e do jovem que está a ser recebido. E começa o banquete em que toda a descrição é cuidadosa, desde o veado assado e bem temperado com pimenta até ao vinho que bebem em taças de ouro.

O graal passa uma segunda vez diante dos convivas e o jovem continua sem perguntar quem está a ser servido. De cada vez que mais comida é distribuída, o graal vai passando. Chrétien descreve por fim as frutas que servirão de ceia: figos, nozes, tâmaras, gengibre de Alexandria, etc. O jovem, nada habituado a tais requintes, permanece mudo e maravilhado e é assim que se vai deitar. Quando acorda, tudo tinha desaparecido, sem mais explicações.

O cavaleiro demorará um tempo, várias aventuras, até perceber qual a falta cometida: a do *silêncio*, algo que é melhor explicado por Wolfram von Eschenbach e ainda melhor por Wagner: pecado é o silêncio que pode significar indiferença, falta de atenção e amor ao outro, contrariando a lição do Evangelho, tal como foi transmitida.

Em Itália, por esta mesma altura, século XIII, as visões de Joaquim de Flora no seu *Liber Figurarum* – estudado por Marjorie Reeves – anunciavam a chegada do Reino do Espírito Santo, de fraternidade e igualdade universal, um reino de abundância numa Europa de doença (as pestes), de miséria e de fome.

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

Podemos ainda recordar a *História do Futuro* do Padre António Vieira (preso pela Inquisição em Coimbra pede que lhe enviem o *Livro das Figuras...*) e com grande impacto, que atravessará o século XX, a ópera *Parsifal* de Wagner, com o seu *libretto* construído em torno da simbólica do Graal, da taça e da lança, do pecado da carne cometido por Amfortas (a ferida da lança, a figura de Kundry, a Eva tentadora) e a taça redentora, com a pureza do alimento do sangue de Cristo.

A simbólica do Graal é muito ampliada em Wagner para o problema da piedade fraternal, da atenção ao sofrimento do outro (que deveria ter levado à pergunta que Parsifal não fez, adiando a sua iluminação para outro momento mais tardio).

E ainda para a questão fundamental do que é o Reino do Graal, a que Gurnemanz, o sábio-guia responde dizendo que no reino do Graal o Tempo se transforma em Espaço.

Eis o diálogo:

Pars.- Quem é o Graal?
Gurn.- Não se pode dizer;
Mas se fores o escolhido dizes
Não perderás o seu conhecimento.

...
Por terra não há caminho que te conduza a ele
E ninguém o poderá seguir
Que não seja por ele mesmo guiado

Aqui temos claramente expressa a visão mística do que é o Graal – um espaço feito de um tempo transfigurado, espaço e tempo de pura vivência interior, indicível como a dos místicos e que não se percorre, não se vive a não ser em pura solidão.

Parsifal julga que o Graal é alguém, e pergunta quem é; Gurnemanz explica que não é de um alguém que se trata, mas de algo, um neutro, um vazio, um *oco*, *un creux*, como dizia Gilbert Durand, um espaço que o nosso inconsciente preenche com a sua energia e forte carga imagética e simbólica.

Albert Béguin, o estudioso do romantismo, resume deste modo os vários significados do Graal:

“... Representa ao mesmo tempo e substancialmente Cristo que morreu pelos homens, o Vaso da Sagrada Ceia (graça divina concedida por Cristo aos discípulos) e finalmente o Cálice da Missa, contendo o verdadeiro sangue do Senhor. A Mesa em que repousa o Vaso é pois a Pedra do Santo Sepulcro, a Mesa dos Doze Apóstolos, e por fim o Altar da Missa

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

quotidiana. Estas três realidades, a Crucificação, a Ceia, a Eucaristia são inseparáveis e o Graal é a sua Revelação, dando através da comunhão o conhecimento da pessoa do Cristo e a participação no seu sacrifício redentor.”

Veja-se uma recuperação interessante no romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, que basicamente reproduz o que eram as inquietações da época, no tocante às visões heréticas que atravessavam a Europa, bem como o filme *A Última Cruzada*, de Indiana Jones, em que ao Vaso do Graal se atribui a condição de Elixir salvífico e de Longa Vida.

Mas numa visão mística cristã, de facto a pergunta de Parsifal – Quem é? – faz sentido; só que esse sentido não interessa a Wagner - Gurnemanz, mais centrado na ideia de um reino ideal, de um Outro Tempo que há-de vir, acrescentando à lenda a dimensão da Utopia (que servirá a Hitler e aos seguidores do mito da raça pura e do novo Reino, como é o caso de Horbiger, o astrólogo que mais o influenciou). Algo que já se verificara na *Utopia* de Thomas More que imaginou uma sociedade perfeita, integrada, sem divisões a não ser as que se impunham... (todas as utopias contêm a semente da ditadura, da normalização abominável que destrói o que há de único e ao mesmo tempo universal em cada ser humano).

Haverá pois diferentes leituras do significado simbólico do Graal: herança pagã, celta de origem, datando dos primeiros séculos da cristianização; Jessie L. Weston estudou a simbólica da lança e do vaso deste ponto de vista, mais antropológico, remetendo para uma interpretação de ritual de fertilidade, o vaso - sendo o elemento feminino, a lança - o elemento masculino e ambos em conjugação permitindo a renovação dos ciclos da natureza.

Jung, ou Marie-Louise von Franz (com Emma Jung), modernamente e de um ponto de vista puramente psicológico, entendem o Vaso do Graal como símbolo da completude humana, física e espiritual: na conjugação de consciência e inconsciente integrados, ou seja, aceites e compreendidos como energias que se completam e equilibram, quando bem entendidas.

O Vaso Maravilhoso, que surge nos ciclos cavaleirescos e desde logo no das aventuras de Parsifal, é uma imagem tão antiga que se fala dela como arquétipo: remonta aos primórdios da humanidade, ora evocando o próprio corpo da mulher, o vaso contendor da vida, ora evocando, em toda a simplicidade real, aquele objecto que contém, protege, guarda, preserva: não é preciso identificar a ideia ou imagem do vaso ao corpo para que se perceba, como dizem os junguianos, que se trata de uma ideia *numinosa*, isto é, portadora de uma carga simbólica transcendente e universal.

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

Como artefacto é uma das mais antigas manifestações culturais da nossa espécie; como arquétipo iremos encontrar o vaso em muitas lendas, mitos, contos de fadas, etc.

Pensemos o que representava poder transportar água, ou guardá-la – água preciosa para a vida. Que daí se tenha partido para a ideia de Elixir de Vida, ou de longa Vida é só um passo mais na nossa imaginação

A água sempre esteve ligada à vida no nosso imaginário, também religioso: a água do baptismo. Nas lendas celtas mais antigas fala-se de um caldeirão capaz de alimentar um exército inteiro sem nunca se esgotar. Teremos aqui o primeiro vestígio do banquete do Graal, em que abundantes alimentos são trazidos num cortejo sem fim. Noutras narrativas celtas o alimento do caldeirão devolve à vida os soldados mortos. Teremos aqui esse embrião da ideia de Elixir que dá saúde e vida eternas, a Longa Vida.

O elemento a fixar, nestas e noutras lendas, é o facto de num *recipiente*, caldeirão, cesto, vaso, se projectar a imagem da Vida e do seu alimento perpétuo; noutros casos, fala-se de mesa, fala-se de travessa (Eschenbach fala das travessas transportadas com alimento no cortejo, seguindo a lança e o Vaso). A palavra latina, *gradale* ou *gradalis* designa uma travessa ou um prato pouco profundo. Mas em francês antigo, em provençal ou catalão, designa um vaso, uma taça ou tigela de madeira.

Já é mais difícil de explicar a designação de Eschenbach, que chama Pedra ao Graal. Seria uma pedra caída do céu, como o granizo, e que por ser branca e redonda evocaria a hóstia distribuída na Missa.

Cito o pequeno exemplo de Eschenbach, por curiosidade:

*Da pedra emanam
Os mais subtis perfumes
Que existem na terra
Bebidas e comidas
Iguais às do Paraíso.
Etc.*

O Vaso contendo o sangue de Cristo é uma imagem nova que, segundo M. L. von Franz emerge “com toda a espontaneidade” estruturando o ciclo do Graal. Por conter a vida residual de Cristo e “a substância da sua alma, o elemento que permite a sobrevivência misteriosa do seu ser” (p. 99).

Alguns estudiosos estabelecem uma relação com os mitos de raízes (a dado momento surge representado como vaso de cabeça humana); e há uma tradição que se lhe assemelha, a da Abadia de Fécamp. Nesta lenda, Nicodemo raspa com uma faca o sangue já seco das chagas

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

de Cristo e recolhe-o, primeiramente na sua luva, depois num vaso de chumbo, um pequeno cilindro, segundo a tradição. Depois esconde o cilindro no tronco duma figueira. Devido à ameaça de invasão de Sídon, onde reside, e por inspiração divina, atira a árvore ao mar. A árvore flutua em direcção ao ocidente e chega à costa normanda. Perto de Fécamp, a árvore cria de novo raiz e volta a florescer.

O mito de raízes, narrado por Plutarco, tem a seguinte semelhança: o caixão do deus é rejeitado pelo mar nas margens de Byblos, na Fenícia, país de origem das figueiras. Mas o importante do mito é a sua estrutura arquetípica de morte e ressurreição, abrindo ao imaginário do homem essa possibilidade, que não mais o deixará.

Considerar o oriente como a pátria mítica do Graal e dos seus ciclos levava-nos agora a outras considerações, entre elas as árabes e alquímicas, algumas de origem gnóstica, que valeria a pena desenvolver.

Pierre Ponsoye, em *L'Islam et le Graal*, é dos mais interessantes autores a focar a marca esotérica do *Parzival* de Wolfram von Eschenbach, bebida na tradição mística do oriente como a referência a um misterioso Kyot, de origem árabe, nos dá a entender.

A lenda do Graal, tal como a conhecemos nos ciclos divulgados, surge nos finais do século XII. Dos três romances conhecidos, o mais antigo é o *Perceval li Gallois* ou *Conte del Graal* de Chrétien de Troyes (c. 1180); segue-se a obra de Robert de Boron, *L'Estoire dou Graal*, de alguns anos posterior; e finalmente a de Eschenbach, entre 1200 e 1205.

O romance de Chrétien ficou inacabado e não refere as origens do Graal. O de Boron já dá o nome de Graal ao Vaso que serviu na cerimónia da Última Ceia e no qual José de Arimateia recolheu o sangue de Cristo na cruz. Mais interessante é o que nos relata Eschenbach:

“Kyot, o Mestre bem conhecido, encontrou em Toledo, entre manuscritos abandonados, a matéria desta aventura, apontada em escrita árabe. Teve primeiro de aprender os caracteres, a, b, c, mas não tentou iniciar-se na magia negra.

Foi grande vantagem ele ter recebido o baptismo, pois de outro modo esta história teria permanecido desconhecida. Pois não há nenhum pagão bastante sábio a ponto de nos revelar a natureza do Graal e as suas virtudes secretas”.

Kyot, continua Eschenbach, terá lido nos livros latinos as crónicas dos reinos da Bretanha, da França e da Irlanda e muitos outros ainda, até ter encontrado em Anjou o que procurava (...)

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

viu como Titurel e o seu filho Frimutel deram em herança a Amfortas o Graal. Amfortas era irmão de Herzeloide, e foi dela que Gahmuret teve um filho que é o herói deste conto.

Foi pois de um estudioso pagão (este era o nome que se atribuía aos muçulmanos na Idade Média) que se recebeu no ocidente a herança e a lenda do Graal.

Sabemos que, na Idade Média, os Templários, entre outros cavaleiros missionários, conviviam – no intervalo das suas batalhas – com os sábios muçulmanos a quem se devia, entre outras coisas, a divulgação dos antigos textos gregos da Alexandria dos séculos II-III da nossa era, que traduziam para árabe e latim e era nessa forma, do latim, que posteriormente eram estudados.

Toledo foi um dos grandes Centros de tradução instituído por Afonso X, o Sábio – de modo que as alusões de Eschenbach fazem mais sentido do que se possa julgar. Kyot é provençal e falava francês, acrescenta ainda o autor. Ora a Provença na Idade-Média designava uma vasta região similar à romana, estendia-se até Toulouse, cobrindo uma área que estivera durante muito tempo sob a dependência da Espanha muçulmana, recebendo as marcas dessa cultura e civilização. Aos Árabes, dizem alguns eruditos, deve-se “tudo o que tinha carácter maravilhoso, ou fosse de superior indústria, como “as fortalezas, as torres, os subterrâneos lendários, as armas, a ourivesaria, tecidos luxuosos, cavalos, etc” (Ponsoye, p. 37).

A essa tradição antiga se deve ainda o culto do Amor Cortês, com o que tem de iniciático e unificador numa mesma teoria que não divide, antes une, os dois modelos de superior entendimento do Amor Espiritual.

Eschenbach era cavaleiro, provavelmente templário (alude aos Portugueses como os mais destemidos e loucos) e identifica a Ordem dos Templários à Ordem do Graal. Esta identificação, ainda que mais implícita do que explícita na novela remete para um reforço da simbólica do Graal: Vaso sagrado, figurando a abundância que viria a existir no futuro Templo da futura Jerusalém, a do Reino do Espírito Santo a que também o autor faz referência.

Há mais pormenores interessantes a observar, nesta procura de raízes antigas que unifiquem a lenda e o seu simbolismo, numa época como a nossa em que a aproximação das religiões do Livro se torna tão necessária.

Na obra já citada de Maria Louise von Franz é descrita a lenda árabo-persa da taça de Jamshyd, em que eram revelados os mistérios do mundo, tal como se dizia da taça mágica de Salomão em textos de origem gnóstica. O escritor Ibn Malik conta uma visão de Mahomet em que este lhe pede que descreva o seguinte:

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

“ Durante a noite, quando me elevava para o céu, vi sob um trono celeste uma taça de um brilho tão penetrante que os sete céus ficaram iluminados. Uma oração em caracteres verdes estava inscrita em torno da taça” (p. 109)

Num outro manuscrito era a própria taça que era verde, o que pode ter sido origem da designação do Graal como Pedra de esmeralda, pedra verde, sem perder o seu simbolismo de Taça de Revelação primordial.

Recentemente *O Código da Vinci*, de Dan Brown, veio relançar uma discussão que não é nova, e foi tratada com mais erudição por Elaine Pagels e Margaret Starbird, em *Maria Madalena e o Santo Graal*, entre outros. Citando alguns dos Evangelhos apócrifos, entre eles o de Tomás, defende-se a ideia de que Maria Madalena teria sido uma discípula, a iniciada e a preferida, por Jesus a ter escolhido a ela para anunciar a Ressurreição e, segundo ainda o próprio Evangelho de Maria, pequeno fragmento incompleto que tem suportado inúmeras interpretações, por Jesus a ela ter confiado mistérios que aos outros discípulos ficaram por anunciar.

Neste fragmento, em forma de diálogo, Maria pergunta ao Salvador como se pode ter uma visão. O Salvador responde que a alma vê através do intelecto, que fica entre a alma e o espírito. Aqui termina a primeira parte, ou o primeiro fragmento. Na segunda parte, um segundo fragmento que aparenta ter sido colocado depois do primeiro de forma algo artificial, Maria está a descrever a revelação feita pelo Salvador de como a alma se ergue através dos quatro poderes. Sendo que estes quatro poderes se devem relacionar com os quatro elementos da material (p.525).

No Evangelho, em regra mais citado, de Tomás, surge nova referência, e de maior interesse simbólico no tocante a Maria Madalena no seio dos iniciados:

“ 114. Simão Pedro disse-lhes: "deixemos Maria ir embora, porque as mulheres não são dignas de vida".

Jesus disse: "Eu próprio a conduzirei, de modo a torná-la homem, para que ela também se possa transformar em espírito vivo semelhante ao vosso, homens. Pois cada mulher que se tornar homem entrará no reino dos céus” (p. 138).

Há aqui uma alusão inequívoca à conjugação dos sexos na sua dimensão de espiritualidade sublimada. O par de opostos (macho-fêmea, noite-dia, sol-lua, corpo-alma, etc.) que

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

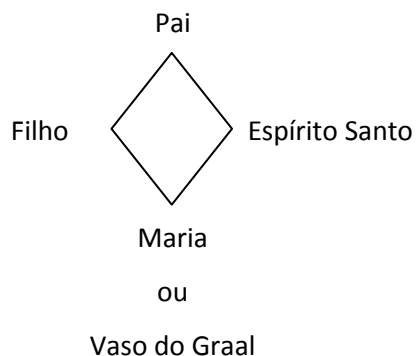
encontramos em todos os mitos de fundação é também aqui referido como causa *sine qua non* de uma revelação superior que permite o acesso ao Reino dos Céus.

O mais interessante, neste Apócrifo, é o modo como Madalena, ao contrário do jovem Parsifal, interroga Jesus, pedindo que explique e o *tempo* que Jesus perde com ela explicando (forma de iniciação).

Sem entrar em pormenores para os quais falta mais documentação histórica fidedigna, ficando apenas pelo que tem de apelativo esta ideia, de uma mulher, discípula dilecta e iniciada, podemos considerar Maria Madalena a figuração do Feminino em Deus, como a Shekina na tradição da Kabala judaica. Assim é fácil aceitar que se identifique esse Feminino à Alma, como se identifica o Masculino ao Espírito incarnado em Jesus.

O Vaso do Graal, por esta via, adquire uma carga simbólica ampliada: Madalena é o Vaso, pois só o corpo da mulher é contendor e transmissor de Vida. Neste Eterno Feminino se manifesta o lado emocional da psique, em contraponto ao lado racional, intelectual e Masculino.

A referência ao Feminino, seja Maria Madalena ou seja a Virgem Maria, noutros textos (como ainda Maria Profetiza nos alquimistas do século III) permite, como faz M. L. von Franz, desenhar uma nova estrutura simbólica que, sem excluir a tríade Pai, Filho, Espírito Santo, a amplia para um *quarto elemento*:



Parsifal não acede logo ao Reino prometido porque, embora vendo o sofrimento de Amfortas, não se comove e não pergunta a ninguém o que lhe aconteceu.

A sua iniciação a um nível superior de entendimento ainda não estava completa, nessa fase. Só mais tarde a emoção lhe tocará a alma e compreenderemos, nós também, que é da Alma

A SIMBÓLICA DO GRAAL: NOTAS E REFLEXÕES

que se trata, da dimensão Feminina da Psique, neste conto iniciático, da *sublimação* de sentimentos e emoções, constituindo a parte mais nobre do nosso ser.

O tema da abundância, que está presente no cortejo de oferendas do Graal, também e sobretudo se refere à abundância espiritual conferida ao iniciado.

Lendo os Evangelhos, e pensando no de S. Marcos, que vai directamente aos acontecimentos da vida adulta de Jesus, verificamos que os relatos são regularmente acompanhados pela referência às refeições tomadas em conjunto. Como se se desejasse chamar a atenção para a importância desse convívio, em que se conversa e se discute do que a todos interessa, ouvir Jesus e a sua palavra em primeiro lugar, mas também sublinhando o espanto e a interrogação que cada um sentia. Permanece ainda, pela leitura, a ideia da fraternal *partilha*: o que há, seja pouco seja muito, é posto em comum.

Na descrição da Ceia – narrativa fundadora do verdadeiro mito cristão – Jesus oferece o pão que é o seu corpo, oferece o vinho que é o seu sangue e pede que repitam a cerimónia em sua memória.

A simbólica cristã do Graal é fundadora de um novo relacionamento entre as pessoas e os povos, bem como de uma nova religião em que corpo e sangue se transfiguram e permanecem num Presente que é futuro anunciado pela boca de Jesus.

Referências Bibliográficas

- Beguín, A. 1958. *La Quête du Saint Graal*, Paris: Yves Bonnefoy.
- Hirsch-Reich, Beatrice/reRves, Marjorie. 1972. *The Figurae of Joachim of Fiore*, Oxford: The Clarendon Press.
- Pagels, Elaine. 1979. *The Gnostic Gospels*, New York: Vintage
- 2005. *Beyond Belief, The Secret Gospel of Thomas*, New York: Vintage.
- Ponsoye, Pierre. 1957. *L'islam et le Graal*, Paris: Editions Denoel.
- 1976. *L'islam et le Graal. Étude sur l'ésotérisme du Parzival de Wolfram von Eschenbach*, Milano: Ed. Arché Milano.
- Robinson, James. 1977. *The Gospel of Mary*, in *The Nag Hammadi Library in English*, London: Brill Pub.
- Starbird, Margaret. 1993. *The Woman with the Alabaster Jar: Mary Magdalen and the Holy Grail*, London: Bear & Company.
- 2006. *Maria Madalena A Noiva no Exílio*, Lisboa: Cultrix. Trad. port de *Mary Magdalene, Bride in Exile*. London: Bear & Company (2005).
- Von Franz, Marie-Louise. 1988. *La Légende du Graal*, Paris: Albin Michel.
- Weston, Jessie L. 2005. *From Ritual to Romance*, New York: Dover Pub. [1920].

Palavras-chave: Graal; ritual, esoterismo, alquimia, gnose

Keywords: Graal; ritual, esoterism, alchimy, gnose

